

co da sociedade humana do que a revelação de um utópico "estado de natureza"; quer, enfim, as numerosas passagens em que o etnólogo se interroga a si próprio sobre o seu lugar no mundo e o sentido de sua tarefa. "Tristes Tropiques" encerra, assim, toda uma filosofia da cultura, sempre interessante e sugestiva, ainda que, vez por outra, o leitor se veja obrigado a discordar das idéias expostas.

Lévi-Strauss não nos promete um livro alegre e, não raro, as imagens e os pensamentos que apresenta são de fato sombrios, refletindo uma tristeza da qual todavia nem sempre é fácil dizer se emana das regiões tropicais ou do espírito de quem as interpreta. Assim mesmo, não faltam à narrativa a nota pitoresca e as passagens divertidas. A excepcional beleza do estilo, a plasticidade da descrição e a viveza dos comentários fazem de "Tristes Tropiques" uma das grandes obras de viagens sobre o Brasil. Oxalá a tradução brasileira, que ora se anuncia, seja preparada com o esmero que o livro merece.

*Egon Schaden*

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR: *Etnias e Culturas no Brasil*. 121 págs. Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, Rio de Janeiro (1956).

Nestes últimos anos tem aumentado o interesse do leitor brasileiro pelos assuntos antropológicos e particularmente pelos processos de formação racial e cultural do País. Como, porém, os conhecimentos neste setor continuam muito fragmentários, não podendo, nem de longe, competir com o que já se alcançou no campo da história política e administrativa, afiguram-se talvez prematuras as tentativas de sistematização, bem como as exposições de síntese destinadas ao público não especializado na matéria. Entretanto, não deixam de ser úteis como orientação preliminar para quem tencione informar-se da situação atual das pesquisas.

E' o que pretende o livro de Diégues Júnior. O seu mérito é o de não dar a impressão de que já temos idéia bastante clara das tendências de nossa formação cultural no passado e no presente. Aviva, ao contrário, a consciência do muito que resta por fazer. E, à medida em que progredem na leitura, tanto o especialista como o leigo se compenetram cada vez mais da precariedade e dos perigos inerentes às fórmulas de fundo apriorístico, algumas das quais repetidas com pouco espírito crítico e tanto maior insistência desde meados do século dezenove. Diégues Júnior deixa entrever que os problemas são bem mais complexos do que o supunham os heróicos precursores de nossa Antropologia e Sociologia.

Já há dois ou três anos o autor havia publicado na coleção "Os Cadernos de Cultura" um ensaio com o mesmo título. Refundiu agora o texto, de maneira a fazê-lo constituir trabalho novo. Num dos capítulos introdutórios esboça a história dos estudos etnográficos no Brasil, em outro delinea o quadro natural das relações étnicas e de cultura, mais adiante apresenta um esquema de nossa Etnografia indígena e tenta explicar a influência ameríndia na formação da nacionalidade. A seguir, a caracterização dos antecedentes raciais e culturais do português lhe serve como ponto de partida para a discussão da herança lusitana, da contribuição do negro africano, dos resultados da mestiçagem e, finalmente, do papel dos grupos imigrantes de origem européia e asiática. Algumas páginas sobre a paisagem humana e cultural contemporânea e uma bibliografia sumária completam o volume.

Ao que tudo indica, Diégues Júnior ainda não considera definitivo o trabalho em sua feição atual, de modo que, em edição futura, tratará, por certo, de precisar e completar os elementos informativos, bem como de aprofundar a interpretação dos fenômenos. Tomará em consideração, em escala maior, os estudos especializados destes últimos dez ou quinze anos. Neste sentido será útil que reveja, por exemplo, à luz das recentes contribuições sobre a aculturação ameríndia, as páginas relativas ao que os índios nos legaram, que insista mais nos aspectos característicos e nos valores determinantes do "ethos" brasileiro, que discuta e comente as pesquisas há pouco realizadas sobre a situação racial nas diferentes regiões do País. Tudo isto evidentemente sem sacrificar o caráter popular do livro.

Como não há terminologia uniforme nem sequer entre os próprios antropólogos, o leitor comum sente, não raro, dificuldade em apreender o significado de termos técnicos, como aculturação, assimilação e integração de grupos alienígenas, raça e etnia, "ethos" cultural e tantos outros. E o autor parece empregar alguns deles como sinônimos, o que tornaria aconselhável uma definição de seu conteúdo. Aliás, nunca será demais acentuar, mesmo em obras de divulgação, o rigor metodológico indispensável às ciências humanas, principalmente por ser nelas mais difícil do que nas ciências naturais o enunciado e a colocação dos problemas, bem como o desenvolvimento dos trabalhos. Sugerimos também que em edição futura seja atualizada a bibliografia, a fim de que ela se torne fonte de informação segura para os que pretendam utilizá-la como ponto de partida para um estudo mais aprofundado do assunto.

Se fazemos essas observações, é porque desejamos ver o livro cada vez mais aperfeiçoado. Trabalhos como *Etnias e Culturas no Brasil* podem contribuir para a correção ou eliminação de estereótipos populares de base emocional, indicar ao público o alcance teórico e prático das pesquisas antropológicas e — talvez — dar a entender a alguns dos governantes responsáveis pela imigração e povoamento que já é tempo de se passar do plano da rotina empírica para uma política orientada segundo os resultados da ciência.

*Egon Schaden*

IRMGARD LANG: *Die Rassenverhältnisse Brasiliens*. Eine soziologische und sozialgeschichtliche Studie. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Hohen Philosophischen Fakultät der Johannes-Gutenberg-Universität Mainz. 618 págs., (hectogr.). Mogúncia, 1955

Enquanto, nestes últimos anos, cientistas brasileiros e estrangeiros, como Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, Charles Wagley, Roger Bastide, Anatol H. Rosenfeld e outros, através de inúmeras pesquisas de campo, têm procurado elucidar a situação racial do Brasil, especialmente com referência ao negro, o Professor W. E. Mühlmann, eminente antropólogo da Universidade de Mogúncia, sugeriu o mesmo tema como objeto de uma dissertação puramente teórica, desligada da observação direta.

O trabalho, apesar de o título sugerir estudo mais amplo, se limita à situação do negro no Brasil. Irmgard Lang aborda o problema, do ângulo de uma sociologia empírica, em duas partes principais: na primeira, analisa a situação atual dos negros e mulatos na sociedade brasileira, examinando as categorias sócio-raciais, as relações raciais, as possibilidades